

A DESVALORIZAÇÃO DE VALORES | POR RÜDIGER RAULS

Posted on 25. Dezember 2020

A Alemanha gosta de se apresentar repetidamente como o paradigma dos valores ocidentais. Onde quer que acredite que estes estejam ameaçados, levanta a sua voz em aviso, especialmente com estados que não pertencem ao seu próprio cosmos. Agora, porém, o movimento democrático tailandês e o rei tailandês estão a envergonhar os guardiães dos valores.

*Um ponto de vista **de Rüdiger Rauls**.*

Rasgado entre os dois

Em Agosto de 2020, tinham tido lugar eleições presidenciais na Bielorrússia. Muito em breve, foram feitas acusações de que os resultados eleitorais tinham sido manipulados. Até agora não havia provas, apenas suposições e suposições. Grupos de oposição formados através dos meios de comunicação social, com apoio especialmente da Polónia e dos Estados Bálticos, apelando a manifestações e greves. Embora as manifestações tenham sido inicialmente bem assistidas, os pedidos de greve tiveram pouca resposta. Desde o início, os manifestantes tinham recebido o apoio dos Estados do valor Ocidental, e não apenas ideologicamente.

O dinheiro dos impostos aos milhões fluiu dos cofres da UE, mas também dos orçamentos de nações individuais para a liderança do movimento de oposição. Os chamados valores ocidentais estavam em jogo: democracia, liberdade de expressão e de reunião, e direitos das minorias. Além disso, as principais figuras do movimento de oposição eram mulheres, mulheres orientadas para o Ocidente, academicamente educadas com ideias moral-idealistas, inteiramente ao gosto dos líderes de opinião ocidentais.

A fim de aumentar a pressão sobre a liderança bielorrussa, foram também impostas sanções muito em breve. Atenção, tudo isto aconteceu sem uma única prova de manipulação eleitoral. Bastava aos políticos e meios de comunicação social do Ocidente que houvesse uma oposição para fazer estas acusações. Tudo isto se assemelhava ao início de uma revolução de cores, como já tinha acontecido várias vezes na área do antigo Pacto de Varsóvia desde a queda da União Soviética.

A opinião pública está dividida sobre esta questão. Isto porque os formadores de opinião influenciam os consumidores dos meios de comunicação, invocando e propagando valores, alguns dos quais são contraditórios (1). Por um lado, grandes sectores do público liberal e de esquerda condenam as revoluções das cores apoiadas pelo Ocidente. Por outro lado, porém, estão também inclinados a tomar partido contra governantes autocráticos, especialmente quando são retratados

como violadores dos direitos das mulheres, das minorias e da democracia.

Mas será que apoiar os movimentos de protesto na Bielorrússia ou em Hong Kong e na Venezuela em 2019 é realmente uma questão de valores? Quão universais são estes valores e o compromisso do Ocidente com a sua implementação global? Ou será que se faz uma distinção entre a própria esfera de influência e a dos governos amigos e a esfera de influência dos estados e governos com os quais se está em funções cruzadas?

Dúvidas

Porque na sua própria esfera de influência é-se menos compreensivo no caso de eventos semelhantes. Recordemos aqui os protestos dos coletes amarelos em França, o movimento de independência dos catalães, mas também para os manifestantes na cimeira do G20 em Hamburgo, em 2017. Foi noticiado mais sobre a violência em torno destes protestos do que sobre as preocupações políticas dos manifestantes.

Enquanto o comportamento da polícia e das forças estatais nos protestos em Hong Kong, Venezuela e Bielorrússia foi retratado como desproporcionado, os meios de comunicação e políticos ocidentais defenderam a resposta das suas próprias forças policiais como medidas apropriadas para proteger os cidadãos e o Estado. Mais uma vez, como no caso dos protestos na Bielorrússia, imagens e vídeos repulsivos poderiam ter sido utilizados para mostrar os ferimentos causados pela violência policial, se tivessem querido.

Não é sem razão que a violência policial nos EUA (2) e actualmente em França é a causa de repetidos protestos. Face aos "lapsos agressivos de vários agentes policiais contra migrantes e jornalistas" (3), Macron vê uma necessidade considerável de acção para "restaurar a relação de confiança entre os franceses e os agentes da lei" (4).

Em Hong Kong, em 2019, quando os manifestantes vandalizaram o parlamento e bloquearam o aeroporto, houve uma grande compreensão dos valores do Ocidente. Foram retratados por secções dos meios de comunicação social como heróis que se ergueram contra um sistema alegadamente desumano. Segundo a visão ocidental, os próprios manifestantes foram menos culpados pelos motins do que as forças da lei e da ordem, que tinham provocado estas reacções com as suas acções duras (5).

No Verão de 2020, por ocasião da manifestação contra as medidas da Corona, várias centenas de pensadores laterais e Reichsbürger tentaram invadir o Bundestag alemão. No processo, os

revolucionários, até cidadãos e súbditos alemães bastante bem comportados, tinham-se deixado impedir por três polícias de invadir o Palácio de Verão de Berlim, apesar de uma superioridade centenária. Ao contrário de Hong Kong, não houve sequer danos materiais. Mas também, ao contrário de Hong Kong, a indignação foi enorme na imprensa alemã.

Mas qual é a diferença entre a tempestade do parlamento alemão e do parlamento de Hong Kong? O que há de mais repreensível no primeiro do que no segundo? De um ponto de vista jurídico formal, ambos os eventos são o mesmo. De onde vem então a diferença na avaliação por parte dos formadores de opinião no sistema de valores?

Estado de direito frágil

O dogma do Estado de direito aqui e a regra arbitrária noutros países como a China é muitas vezes utilizada como uma diferença. Os meios de comunicação social ocidentais também gostaram de se refugiar nisto quando, no conflito da Catalunha, as acções do Estado espanhol se assemelhavam cada vez mais às dos Estados que o Ocidente gosta de retratar como sistemas de injustiça (6).

Após o fim da agitação de 2019, o governo chinês promulgou uma nova lei de segurança para Hong Kong, que se destina principalmente a evitar a influência de forças estrangeiras. Além disso, foram criados regulamentos legais contra os esforços de independência. O Ocidente critica esta lei e chama-lhe um acto arbitrário. Vê isto como a diferença entre as suas próprias acções como Estado democrático e as dos que descreve como Estados injustos.

Desta auto-declarada superioridade moral, os EUA derivam agora o seu direito de impor mais sanções à China com base nesta lei. A UE também acredita estar na posição moral e legal de poder impor "um novo regime de sanções acredita poder punir violações graves dos direitos humanos em todo o mundo" (7). Cria-se assim uma base jurídica para combater os perigos e as queixas que se acredita reconhecer e que se deve combater.

Mas o que distingue este chamado procedimento constitucional do procedimento dos chamados Estados injustos? A China também criou uma base legal para si própria na Lei de Segurança de Hong Kong, que regula o procedimento. Por outras palavras, não actua arbitrariamente, mas com base em regras que criou para os seus cidadãos, mas também para o próprio Estado, a fim de lidar com uma situação específica. Contudo, em contraste com os chamados estados constitucionais, a Comissão promulga estas leis apenas para a sua própria área de governo e não presume sujeitar outros estados às suas próprias leis.

Em termos de procedimento, portanto, a China, o chamado estado de injustiça, não age de forma diferente dos estados ocidentais. Mesmo os Estados autoproclamados ao abrigo do Estado de direito utilizam leis para regular os direitos dos cidadãos e a intervenção do Estado quando é necessário para evitar o perigo. Isto é especialmente evidente no caso das medidas Corona. Também aqui, o Estado cria ou altera leis quando, na sua opinião, é necessário para a gestão de crises e perigos. É apenas que os perigos e crises com que os Estados têm de lidar são diferentes.

Varrer a própria porta da frente

A Alemanha, por exemplo, não está familiarizada com os esforços separatistas que também são apoiados por forças estrangeiras. Isto é diferente com a China - como se pode ver em Hong Kong. Isto pode ser visto de forma diferente no Ocidente do que na China. Mas o governo chinês tem um dever para com o seu próprio povo, não para com a Alemanha. Tem de resolver os problemas chineses, não os alemães.

No entanto, ao contrário dos Valores Ocidentais, nem os chineses, nem os russos, nem os governos venezuelano, iraniano ou mesmo norte-coreano criticaram o comportamento de Espanha na crise da Catalunha. Nem intervieram nos protestos dos Coletes Amarelos ou deram conselhos ao Ocidente, o que o Ocidente pensa sempre que pode, deve ou mesmo deve fazer a outros estados. Também não promulgaram leis para fazer cumprir as suas ideias sobre o Estado de direito e os direitos humanos em todo o mundo.

Uma coisa é reivindicar o Estado de direito para si próprio. A outra é também fornecer provas da mesma. A reclamação pode certamente ser feita durante muito tempo sem ser posta em causa. Mas à medida que as contradições entre a reivindicação auto-articulada e a prática diária aumentam, a reivindicação também se torna duvidosa a longo prazo.

Mesmo que se esteja longe de negar o Estado de direito à Alemanha ou aos outros estados da comunidade de valores ocidental, as dúvidas crescem, alimentadas pelo próprio comportamento do estado. Estas dúvidas deram origem aos pensadores laterais. Os julgamentos dos participantes nos protestos do G20 de 2017 também semeiam dúvidas sobre a adesão aos princípios do Estado de direito quando estes já não são politicamente úteis.

O Tribunal Regional Superior de Hamburgo impôs penas de prisão aos manifestantes por tumultos durante a cimeira do G20, "apesar de não ter sido provado que os próprios arguidos tenham cometido qualquer acto de violência" (8). A base para esta decisão foi uma decisão do Tribunal Federal de Justiça, segundo a qual se é culpado por "marchar ostensivamente", mesmo que não se

tenha cometido qualquer acto de violência. Isto ainda está de acordo com o Estado de direito ou já é arbitrário, como se crê ser o caso na China?

Qual é a diferença?

Tal como na Bielorrússia, os jovens da Tailândia têm vindo "a sair às ruas há meses para exigir mais democracia" (9). As reportagens sobre isto nos meios de comunicação social ocidentais, no entanto, não são de modo algum tão extensas como as relativas à Bielorrússia e não são de modo algum luridas, mas em grande parte factuais.

Nem parece incomodar muito aos meios de comunicação social do valor do Ocidente que estes jovens protestantes se revoltam contra um primeiro-ministro em Prayuth Chan-ocha, que chegou ao poder num golpe militar há seis anos. Consequentemente, a atitude dos meios de comunicação ocidentais não parece estar enraizada na legitimidade daquele contra o qual os protestos são dirigidos.

Enquanto no início dos protestos na Bielorrússia os consumidores dos meios de comunicação ocidentais eram informados quase diariamente com reportagens sobre manifestações e ataques das forças da ordem, as imagens dos feridos dos manifestantes na Tailândia eram escassas nos meios de comunicação ocidentais. Mas também na Tailândia, a polícia foi acusada de "reagir com força excessiva (...) Mais de 50 participantes tiveram de ser tratados no hospital com ferimentos como resultado. Diz-se que alguns deles sofreram ferimentos de bala" (10).

Portanto, não pode ser devido à diferente brutalidade das forças da ordem e suas consequências que os confrontos na Bielorrússia ou Hong Kong são relatados com intensidade diferente dos confrontos comparáveis na Tailândia. A menos, claro, que os guardiões locais dos valores e direitos humanos não valorizem a integridade da vida tailandesa tanto como os outros.

Também, ao comparar as restrições aos direitos civis e as medidas repressivas contra o movimento de oposição, não é possível encontrar um comportamento mais brando das autoridades tailandesas. Um estado de emergência mais rigoroso já tinha sido imposto na Tailândia em 15.10.2020. Os meios de comunicação social ocidentais não tinham anteriormente noticiado restrições semelhantes à liberdade de reunião na Bielorrússia. Apesar de tudo, porém, a situação na Tailândia parece-lhes ser menos repressiva.

Se o valor que o Ocidente tinha tomado a nova lei de segurança chinesa para Hong Kong como uma oportunidade para impor sanções contra a China, não há qualquer menção a isto no caso da

Tailândia. Devido aos protestos, na Tailândia "não são apenas reuniões de mais de cinco pessoas , mas também mensagens e comunicações em linha que podem afectar a segurança nacional" (11). Em que é que isto é diferente de Hong Kong?

A causa dos protestos é semelhante na Tailândia e na Bielorrússia. Trata-se de alegações de fraudes eleitorais e da respectiva procura de novas eleições. No entanto, deve também notar-se que as indicações de fraude eleitoral na Tailândia foram muito mais concretas do que na Bielorrússia (12).

A OCDE poderia facilmente ter evitado um tal conflito sobre os resultados eleitorais no caso de Lukashenko se tivesse aceite o convite que lhe foi dirigido para observar as eleições (13). Mas como no caso das eleições venezuelanas, em vez de observar as eleições, foi aparentemente preferido simplesmente não as reconhecer depois se não produzirem o resultado desejado (14).

Valores como telenovela

Mas toda esta contradição é ultrapassada pela farsa que está actualmente a ocorrer em torno do rei tailandês Maha Vajiralongkorn, abreviadamente Rama IX, e a sua estadia na Alemanha. Particularmente o comportamento das autoridades e da política alemã assemelha-se de forma impressionante à economia Spezeln de uma república das bananas.

Reconhecer a auto-entendimento de um Estado constitucional nestes acontecimentos é difícil. É ainda mais difícil ver a partir dela a orientação de valor de um Estado que se estabelece a nível mundial como juiz de como outros Estados lidam com a sua oposição.

O rei da Tailândia não fica, como seria de esperar, na Tailândia. Ele vive a maior parte da sua vida na Alemanha. A partir daqui ele exerce a sua influência na política do seu país natal, o que não é permitido pelas leis do Estado constitucional alemão.

Mas isso não é tudo. Ele espezinha valores com pés, para os quais os estados do valor ocidental fingem levantar-se de outra forma em todo o mundo, especialmente o rapaz modelo da Alemanha. Assim, Rama IX na Tailândia "expandiu continuamente o seu poder nos poucos anos desde a sua adesão ao trono. Duas unidades do exército reportam agora directamente ao rei. Além disso, o monarca fez alterar a constituição para lhe dar mais liberdades". (15)

Se Putin, Lukashenko, ou Maduro tivessem usurpado tal abundância de poder sem legitimidade democrática, os líderes de opinião alemães teriam enfrentado uma tempestade contra os chamados autocratas. No caso de Rama IX, as pessoas não são obviamente incomodadas por

comportamentos que lembram um príncipe absolutista, mas não de um estadista do século XXI.

Enquanto em Hong Kong, Venezuela e Bielorrússia as exigências da oposição para a implementação dos valores ocidentais foram activamente apoiadas, incluindo financeiramente, exigências semelhantes por parte da oposição tailandesa não estão a ser ouvidas no Ocidente. Ou é incompatível com os valores ocidentais quando os jovens de Bangucoque exigem "que o rei fique fora da política". A monarquia não deve estar acima da constituição"(16). O que é incoerente com os valores ocidentais?

Aparentemente, os guardiões do Estado de direito e da transparência não são incomodados pelo facto de Rama IX ter "colocado os bens da coroa sob o seu controlo directo" (17). Isto ascende a cerca de 40 mil milhões de dólares. Por outro lado, porém, especialmente "muitos jovens tailandeses sofrem as consequências catastróficas da pandemia de Corona e a falta de perspectivas"(18). Além disso, a oposição acusa-o de financiar a sua vida luxuosa na Alemanha a partir de impostos tailandeses em vez de a utilizar para aliviar a miséria no seu próprio país.

Por que valores estamos a lutar?

Mas isso não é tudo. O rei da terra dos sorrisos não só esbanja dinheiro dos impostos tailandeses, como nem sequer paga impostos na Alemanha, apesar de ter aqui o seu centro de vida. Enquanto o estado alemão esvazia os bolsos de cada beneficiário de Hartz IV, determina precisamente o tamanho máximo do apartamento e conta o número de escovas de dentes, Rama IX está aparentemente isento de todos os pagamentos à comunidade - apesar da sua imensa riqueza.

A administração fiscal bávara, citando o sigilo fiscal alemão, recusa-se a dizer se Rama IX pagou o imposto sobre a herança dos milhares de milhões em riqueza que adquiriu após a morte do seu pai Rei Bhumibol, como é exigido a todos os cidadãos alemães. "Além disso, poderia haver imposto sobre o rendimento, bem como impostos municipais como o imposto fundiário, o imposto sobre a segunda habitação e o imposto sobre cães" (19). Até agora não há provas de que estes tenham sido pagos - e durante anos.

Os valores da comunidade ocidental de valores incluem de forma proeminente a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, incluindo perante as leis fiscais. O que é portanto incompreensível é a atitude das autoridades e dos políticos alemães para com um estadista que parece não atribuir importância a nenhum destes valores. Ainda não existem explicações para esta desproporção ao lidar com Rama IX, por um lado, e os representantes de outros Estados, que obviamente não gozam do mesmo favor e boa vontade no valor ocidental.

O argumento acima referido, no entanto, deveria dar uma pausa para reflexão a todos aqueles que se deixam aproveitar com demasiada facilidade e prontidão para o carro de valores. Não são os próprios valores que são duvidosos e devem fazer-nos pensar. É a sua aplicação diferente. É o uso e abuso de valores para fazer avançar interesses que se escondem por detrás de valores, e nem sempre claramente discerníveis por detrás da fachada deslumbrante dos ideais (20).

Fontes:

- (1) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Die kaukasische Zwickmühle](#)
- (2) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Hongkong und Minneapolis](#)
- (3) Frankfurter Allgemeine Zeitung vom 28.11.2020: Darmanin unter Druck
- (4) FAZ vom 30.11.2020: Zerrüttetes Vertrauen
- (5) siehe dazu: Rüdiger Rauls [Beiträge zum Hongkong-Konflikt 2019](#)
- (6) siehe dazu: Rüdiger Rauls [Es geht um mehr als Katalonien](#)
- (7) FAZ vom 5.12.2020: Neues Sanktionsregime
- (8) FAZ vom 3.12.2020: Schuldig durch Mitmarschieren?
- (9) FAZ vom 16.10.2020: Des Königs Autokonvoi
- (10) FAZ vom 19.11.2020: Eskalation in Thailand
- (11) FAZ vom 16.10.2020: Des Königs Autokonvoi
- (12) siehe dazu [Tagesspiegel vom 29.3.2019](#)
- (13) siehe dazu [anti-spiegel vom 19.8.2020](#)
- (14) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Wahlbetrug mit Ansage](#)
- (15) FAZ vom 26.11.2020: Keine Tränen mehr für den neuen König
- (16) FAZ vom 26.11.2020: Keine Tränen mehr für den neuen König
- (17) FAZ vom 26.11.2020: Keine Tränen mehr für den neuen König
- (18) FAZ vom 26.11.2020: Keine Tränen mehr für den neuen König
- (19) FAZ vom 12.12.2020: Wie eine heiße Kartoffel
- (20) siehe dazu: Rüdiger Rauls [Westliche Werte unter dem Deckmantel der Menschenrechte](#)

Rüdiger Rauls Buchveröffentlichungen:

- Krieg um Syrien [Buchbeschreibung](#)
- Wie funktioniert Geld? [Buchbeschreibung](#)
- Kolonie Konzern Krieg – Stationen kapitalistischer Entwicklung [Buchbeschreibung](#)
- Zukunft Sozialismus oder die Grenzen des Kapitalismus [Buchbeschreibung](#)
- Die Entwicklung der frühen Gesellschaften-Die Geschichte Afghanistans [Buchbeschreibung](#)

- Was braucht mein Kind? [Buchbeschreibung](#)
- Späte Wahrheit (Prosa) [Buchbeschreibung](#)
- Herausgeber von:
- Imre Szabo: Die Hintermänner (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)
- Imre Szabo: Die Unsichtbaren (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar este post.

+++

Origem da imagem: Camera_Bravo / portadas

+++

KenFM esforça-se por apresentar um amplo espectro de opinião. Os artigos de opinião e os lugares de convidados não precisam de reflectir a opinião do conselho editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras formas de nos apoiar aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora pode apoiar-nos com as Bitcoins.



18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK

BitCoin endereço: